

VIDA E OBRA

.....

Immanuel Kant nasceu em 22 de abril de 1724 na cidade báltica de Königsberg, então capital da isolada província alemã da Prússia Oriental (atualmente Kaliningrado, na Rússia). Seus ancestrais haviam emigrado da Escócia no século anterior e há grande probabilidade de que tivessem algum grau de parentesco com Andrew Cant, notório pregador escocês do século XVII. Consta que Cant teria sido a origem do verbo inglês *to cant*, que se refere ao “uso de jargão” – traço de família que reapareceria impetuosamente no filósofo.

Na época do nascimento de Kant, a Prússia Oriental se recuperava das devastações trazidas pelas guerras e pela peste, que haviam reduzido a população a menos da metade. Kant foi criado em atmosfera de pobreza e religiosidade. Era o quarto filho da família – constituída de cinco irmãs e um irmão mais novo. O pai, escocês, cortava tiras de couro e decla-

rava jocosamente “não conseguir nunca equilibrar o orçamento”, fosse em casa, fosse no trabalho. Kant manteve sempre atitude respeitosa em relação a ele, indivíduo amável porém acuado financeiramente, e diz-se que quando criança gostava de observá-lo cortando com habilidade pedaços de couro para arreios. No entanto, de acordo com o psicólogo e filósofo Ben-Ami Scharftstein, dada a destreza do pai, “a inabilidade manual de Kant é, por conseguinte, digna de nota”.

Seja esse o caso ou não, e de que tipo de nota ele é digno precisamente, a principal e primeira influência na vida de Kant foi sem dúvida sua mãe. Frau Kant era uma alemã totalmente inculta, que se diz ter sido dona de grande “inteligência natural”, fato que influenciou de forma especial seu filho Immanuel – ou Manelchen, como ela o chamava (“Pequeno Manuel”). Tinha o hábito de levá-lo para passeios no campo e dizer-lhe os nomes das plantas e flores. À noite, costumava mostrar-lhe as estrelas, indicando seus nomes e as constelações a que pertenciam. Era uma mulher piedosa, e seu jeito afetuosos porém austero também desempenhou função educativa na formação do caráter moral de seu filho. Essa dupla insistência em fatos e obrigações morais seria uma faceta de Kant por toda a sua vida, além de exercer

papel capital em sua filosofia. A observação mais famosa de Kant, enunciada mais de cinquenta anos depois, remonta aos primeiros dias com sua mãe: “O céu estrelado acima e a lei moral no interior enchem o espírito de admiração e reverência sempre novas e crescentes quanto mais firme e freqüente se mostra nossa reflexão.”

Kant foi educado num rigoroso ambiente pietista e dos oito aos dezesseis anos freqüentou a escola local, onde sua inteligência excepcional e sua aguda sede de saber logo se cansaram da interminável educação religiosa. Seu desgosto com a religião formal permaneceria com ele até o final da vida (na idade madura jamais freqüentou a igreja). Apesar disso, conservou muito da postura pietista, com sua crença em um estilo de vida simples e sua adesão à moralidade rigorosa.

Em 1737, sua mãe morreu e teve enterro de pobre. Kant tinha quatorze anos e, segundo ele próprio, por essa época experimentou as primeiras manifestações da sexualidade. Psicólogos já sugeriram que a perda da mãe que tanto amava nesse estágio da puberdade fez com que se sentisse culpado e reprimisse seus desejos sexuais. Ou foi esse o caso ou os desejos simplesmente desapareceram. Qualquer que tenha sido a causa, daí em diante Kant

viveria uma vida de repressão sexual que assumiria proporções heróicas.

Aos dezoito anos foi admitido na Universidade de Königsberg como estudante de teologia. No início recebeu ajuda financeira da igreja pietista local, mas colaborava para seu próprio sustento dando aulas para alguns colegas mais atrasados. Logo se cansou da teologia e começou a demonstrar enorme interesse pela matemática e pela física. Leu Newton, que abriu seus olhos para as implicações filosóficas das novas descobertas da ciência e para os grandes progressos então alcançados em todas os setores desse campo, da astronomia à zoologia. A ciência baseada na experiência só podia ser acomodada numa filosofia empirista, ou seja, uma filosofia que baseasse nosso conhecimento do mundo na experiência.

Em 1746, quando contava vinte e dois anos, seu pai morreu. Ele próprio, o irmão e as cinco irmãs mais jovens foram deixados sem centavo. As irmãs caçulas foram entregues a uma família pietista, as mais velhas foram trabalhar como camareiras. Kant tentou sem sucesso um emprego numa escola local e foi forçado a abandonar a universidade sem obter o diploma.

Nos nove anos seguintes Kant se manteve dando aulas particulares para famílias ricas nas áreas rurais vizinhas. Por algum tempo foi contratado pelo con-

de e condessa Keyserling (família aristocrática que mais tarde iria gerar o pseudofilósofo Hermann Keyserling, cujas idéias elevadas, porém falsas, seriam o grande consolo das desiludidas matronas da sociedade após a Primeira Guerra Mundial). Sempre que conseguia algum dinheiro extra, Kant o remetia a suas irmãs menos afortunadas, hábito que conservou por toda a vida. Além desses gestos de generosidade, porém, não mantinha qualquer contato pessoal com a família. Não em função de qualquer atitude esnobe de sua parte, mas, segundo se alega, devido à “natural austeridade e objetividade de seu caráter”, o que se tornaria um traço pessoal do filósofo em sua vida futura. Suas cinco irmãs continuariam a residir em Königsberg (cidade de apenas 50.000 habitantes) durante todo o tempo de vida do filósofo, mas ele não se encontrou com nenhuma por mais de vinte e cinco anos. Quando finalmente uma delas veio visitá-lo, ele nem sequer a reconheceu. Quando lhe informaram quem era, desculpou-se junto aos companheiros por sua falta de cultura. Kant pode não ter sido esnobe, mas ficou conhecido por sua incapacidade de suportar os tolos. Até mesmo em sua própria família, tudo indica.

No entanto, esse incidente traz à tona um detalhe curioso. A irmã de Kant devia ter mais que uma semelhança passageira com a mãe, tanto intelectual

quanto fisicamente. E teria mais ou menos a mesma idade da mãe quando esta o criou. Significaria esse gesto que o celebrado amor de Kant pela mãe se tornara tão profundo que ele já não o reconhecia? Sugere-se que Kant, inconscientemente, se ressentia da cadeia repressora – circunstâncias, moralidade, aniquilamento sexual – que a mãe lhe impusera. Sua incapacidade de reconhecer a irmã (ou de ter de fato alguma coisa a ver com ela) pode perfeitamente estar relacionado a isso, mas não há forma de saber. (A total ausência de vida em Kant atraiu perversamente muito mais atenção dos psicólogos do que a vida *comparativamente* normal de outros filósofos, embora, a meu ver, a própria noção de normalidade nesse campo seja um ponto discutível.)

Kant pode ser sido indiferente em relação à sua própria família, mas parece ter desfrutado a vida no meio das famílias ricas que o contratavam como professor. Sua aparência era bastante excêntrica, como seu próprio caráter. Tinha menos de um metro e meio e sua cabeça era desproporcional em relação ao resto do corpo. Sua estrutura lembrava a rosca de um saca-rolhas e fazia com que o ombro esquerdo se inclinasse para a frente, o direito se curvasse para trás e a cabeça tendesse a pender para um lado. Vestido com roupas puídas e praticamente sem nenhum

pfenning no bolso, não seria exatamente o sucesso do campus na Universidade de Königsberg (que, por seu turno, dificilmente poderia ser considerada centro de qualquer sociedade cosmopolita). Nesse momento, no entanto, vestido por seus empregadores em trajes elegantes e encorajado a juntar-se aos convidados da família, Kant positivamente floresceu. Logo desenvolveu uma aguda perspicácia, adquiriu um verniz de sofisticada segurança e tornou-se exímio jogador de cartas e de bilhar. Quando a família partia para as férias de verão no campo, Kant os acompanhava, afastando-se quase oitenta quilômetros de Königsberg. (Isso foi o mais longe de sua cidade natal a que ele jamais chegaria em toda a sua vida.) Mas esse período de elegância *relativa* foi apenas uma fase.

Em 1755, aos trinta e um anos, Kant finalmente se graduou pela Universidade de Königsberg, em parte devido à caridade de um benfeitor pietista. Era tarde para se conseguir um diploma; e, como veremos, Kant era excepcionalmente lento na execução de seus projetos. Por volta dessa idade, quase todos os outros principais filósofos já haviam começado a formular as idéias pelas quais seriam lembrados. Somente duas décadas mais tarde Kant começou de fato a produzir filosofia com originalidade.

Kant estava agora em condições de exercer um cargo na universidade como *Privatdozent* (professor-auxiliar). Esse posto seria ocupado por ele pelos quinze anos seguintes, numa vida acadêmica de incansável diligência. Durante esse período, ensinou principalmente matemática e física e publicou tratados sobre ampla gama de assuntos científicos, inclusive vulcões, natureza dos ventos, antropologia, causas dos terremotos, incêndios, o envelhecimento da Terra e até mesmo sobre os planetas (que em sua previsão seriam todos habitados um dia, sendo que os mais distantes do sol desenvolveriam as espécies de maior inteligência).

No entanto, a inclinação natural de Kant era para a especulação. Continuava a ler filosofia amplamente. No racionalismo, suas idéias eram influenciadas sobretudo por Newton e Leibniz. Embora as grandes conquistas de Newton tenham sido em física e matemática, naquela época esses assuntos ainda eram considerados parte da filosofia: uma espécie de “filosofia natural”. O título completo da principal obra de Newton é *Philosophiae naturalis principia mathematica* (Os princípios matemáticos da filosofia natural). Kant estudou Newton com profundidade suficiente para propor uma “Nova teoria do movimento e da inércia” que se opunha à visão de New-

ton. O fato de que o tenha mal interpretado não é relevante: estava sendo levado a especular sobre sistemas que abrangiam todo o universo e tencionava questionar o maior intelecto da época em seu próprio terreno.

De acordo com Leibniz, o mundo físico de causa e efeito comprovava a harmonia interna do propósito moral do mundo. A leitura de Leibniz levou Kant a ver a humanidade não apenas como participante da natureza, mas, além e acima disso, como participante da finalidade última do universo.

Ao mesmo tempo o interesse de Kant pela filosofia da ciência conduziu-o à leitura do filósofo escocês Hume. Kant ficou impressionado com a insistência de Hume na experiência como base de todo o conhecimento, o que se ajustava ao enfoque científico. Contudo, descobriu-se perturbado pelas conclusões céticas que Hume tirou de seu rígido empirismo. Segundo Hume, tudo que experimentamos é uma seqüência de percepções – e isso significa que noções tais como causa e efeito, corpos e coisas, mesmo a mão controladora do Deus criador, são meras suposições ou crenças. Nenhuma delas é jamais de fato experimentada.

Surpreendentemente, Kant deixou-se tocar também pelo apelo emocional de Rousseau. Primeiro

dos românticos, Rousseau foi o menos acadêmico de todos os filósofos, acreditando mais na expressão pessoal através da emoção do que no pensamento racional. Seu clamor por liberdade acabaria sendo forte inspiração para a Revolução Francesa. Kant pode ter sido uma personalidade essencialmente ascética, mas havia algo em Rousseau que vibrou uma corda em suas emoções tão reprimidas. Sob a fachada do frio acadêmico batia o coração de um romântico secreto – e mais tarde isso se tornaria evidente em sua filosofia. Mas, naquele momento, todos esses elementos díspares – Newton, Leibniz, Hume, Rousseau – permaneciam como tais. Antes de encontrar uma forma de conciliar e absorver essas influências, Kant seria incapaz de começar a criar alguma filosofia original. E a envergadura dessa tarefa iria exigir longo tempo.

Talvez Kant tenha se tornado impaciente – já que agora acontece um episódio estranho. Em lugar de publicar mais uma obra acadêmica séria, Kant escreveu um curioso livro satírico intitulado *Os sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica*. O “visionário” do título é o excêntrico místico sueco Swedenborg, famoso pelas descrições de suas longas viagens através do céu e do inferno. Em 1756, Swedenborg havia publicado sua obra-prima em

oito volumes, *Arcana cœlestia* (Os segredos do céu). Infelizmente, as vendas não foram bem e, depois de dez anos, apenas quatro exemplares tinham sido vendidos. Um deles, sabe-se agora, foi comprado por Kant. Esses volumes de ocultismo metafísico exerceram profunda influência sobre Kant – o suficiente para inspirá-lo a escrever um volume inteiro satirizando-os. Conforme declara de maneira extravagante na introdução: “O autor confessa com certa humildade que era tão simplório que procurava descobrir a verdade de alguns contos do tipo mencionado. Ele encontrou – como sempre, onde não se tem nada para procurar –, ele não encontrou nada.” No entanto, logo se torna claro que o deboche de Kant acerca do “pior de todos os visionários” e dos “diversos mundos de pensamentos etéreos ... extraídos ... de conceitos fraudulentos” não é exatamente o que parece. Por baixo dessa coerente zombaria e de expressões de desprezo intelectual, há um elemento de inegável seriedade em seu interesse por Swedenborg. Ele ansiava por acreditar em metafísica (mesmo que não fosse de maneira tão extrema), mas seu formidável desenvolvimento intelectual começava a fechar essa avenida.

O estilo da escrita de Kant é notoriamente prolixo e difícil, mas todos os relatos comprovam que suas

aulas eram o oposto. Seu corpo era tão pequeno e retorcido que apenas sua cabeça coberta pela peruca, e com seus traços precisos e rígidos, era visível por sobre o púlpito. Mas essa cabeça falante era uma fonte de perspicácia, de erudição e idéias fascinantes. As aulas de Kant eram um enorme sucesso e sua fama logo se espalhou, estimulada por seu turbilhão de tratados sobre assuntos científicos. As famosas aulas de geografia que costumava dar no verão atraíam sempre multidões de fora da universidade. Repetindo-se por mais de trinta anos viriam a firmá-lo como o primeiro professor acadêmico de geografia física, apesar de durante toda a sua vida jamais ter colocado os olhos numa montanha e de provavelmente nunca ter chegado a ver o mar aberto (que ficava a inimaginável distância de trinta quilômetros). Suas descrições vigorosas e penetrantes deram vida a terras distantes sobre as quais, entusiasmadíssimo, lia durante as longas noites de inverno, quando o gélido nevoeiro báltico invadia as ruas da remota e provinciana Königsberg.

Kant começava então a dar também aulas de filosofia e logo se tornou óbvio que tinha feito incursões profundas e extensas pelos territórios hostis da ética e da epistemologia, além de explorar os confins da lógica e, até mesmo, regiões tão distantes

da civilização como a metafísica (e sobrevivera para contar a estória). Nesse ínterim, os tratados sobre assuntos mais amenos, como fogos de artifício, defesa militar e a teoria dos céus, continuavam a jorrar de sua pena. Apesar disso, recusaram-lhe duas vezes a cátedra de professor na Universidade de Königsberg, por razões não muito claras, mas que se suspeita contivessem algum elemento de esnobismo provinciano. Ou talvez apenas não gostassem dele. De qualquer forma, Kant com toda certeza gostava de Königsberg. Quando lhe ofereceram o prestigioso cargo de professor catedrático de poética na Universidade de Berlim, ele o recusou. (O que nos privou da alegria de ler a crítica de Kant aos poetas num estilo de tão grande e deliberada complexidade que teria fatalmente se convertido em leitura essencial do dadaísmo.)

Felizmente, em 1770, as autoridades da Universidade de Königsberg cederam e Kant foi nomeado professor catedrático de lógica e metafísica. Aos quarenta e seis anos, tinha-se tornado, então, cada vez mais crítico em relação a Leibniz e seus discípulos racionalistas, que haviam se transformado na força dominante da filosofia alemã.

O empirismo de Hume parecia incontestável, e de forma relutante ele chegou a se deixar convencer

pelo seu ceticismo. Objetos, causa e efeito, continuidade, até mesmo o eu, todas essas noções pareciam falaciosas, permanecendo além do campo da nossa experiência, única fonte segura do nosso conhecimento. Kant aceitava isso porque lhe parecia intelectualmente irrefutável, mas não estava satisfeito com a esterilidade dessa situação. Parecia não haver mais espaço para o prosseguimento da filosofia. Seria de fato o fim?

Um dia, então, quando estudava a *Investigação sobre o entendimento humano*, de Hume, Kant “acordou de seu sono dogmático”. Num lampejo de inspiração viu como podia construir um sistema e responder ao ceticismo destrutivo de Hume, que ameaçara destruir a metafísica para sempre.

Durante onze anos, Kant nada publicou, mas continuou trabalhando em sua filosofia. Já havia, por essa época, começado a viver uma vida de extrema regularidade e, durante esse período, sua constância de hábitos começava a alcançar status de lenda. Nas palavras de Heine: “Despertar, tomar café, escrever, dar aula, jantar, caminhar, cada coisa tinha seu horário estabelecido. E quando Immanuel Kant, em seu casaco cinzento, bengala na mão, surgia à porta de sua casa e caminhava em direção à pequena avenida repleta de tílias, ainda hoje deno-

minada 'O passeio do filósofo', os vizinhos sabiam que o relógio marcava exatamente três e meia. E assim ele passeava para cima e para baixo, em qualquer estação; e quando o tempo estava escuro ou as nuvens cinzentas ameaçavam chuva, via-se seu velho criado Lampe seguindo-o penosamente e cheio de ansiedade, com um enorme guarda-chuva debaixo do braço, como um símbolo da Prudência." Diz-se que em apenas uma célebre ocasião Kant quebrou sua rotina – no dia em que começou a ler o *Émile*, de Rousseau, quando se deixou absorver de tal forma que, para terminá-lo, perdeu seu passeio. Só mesmo as declarações de emoção romântica de Rousseau poderiam fazê-lo esquecer sua rotina. Mas esses sentimentos não eram suficientes para provocar qualquer ruptura séria em hábitos de uma vida inteira. Embora Kant tenha considerado duas vezes durante esses anos a hipótese de se casar, em ambas as ocasiões demorou tanto a se definir que, na hora em que se decidiu (a favor, nos dois casos), uma das damas já havia se casado com outro e a segunda mudado para outra cidade. Kant não era homem para ser impelido a qualquer decisão precipitada. No entanto, sua admiração pelas idéias românticas de Rousseau não se limitava à teoria. Anos mais tarde, quando muitas dessas idéias se tornaram realidade, com o advento

da Revolução Francesa, Kant chorou de alegria – sentimento raro na ferozmente conservadora, provinciana e prussiana cidade de Königsberg, e provavelmente ímpar no meio de seu ranzinza estabelecimento universitário.

Em 1781, Kant enfim publicou a *Crítica da razão pura*, em geral considerada sua obra-prima. No entanto, nem todos se entusiasmaram muito. Quando enviou uma cópia do manuscrito para seu amigo Herz, recebeu-o finalmente de volta lido apenas pela metade. Herz argumentou que continuar a ler a obra de Kant equivaleria a cortejar a insanidade. E podemos nos sentir da mesma forma. Em sua *Crítica da razão pura*, Kant decidiu eliminar inúmeros argumentos interessantes e exemplos concretos, temendo que sua obra se tornasse demasiado longa. Mesmo assim, na versão traduzida chega-se a mais de 800 páginas. E a maior parte assim: “A proposição apodítica cogita a asserção conforme determinam essas mesmas leis do entendimento, e portanto afirmando-se como *a priori* e, dessa forma, expressa...”

Mesmo na tradução mais refinada isto soa apenas ligeiramente melhor: “*La proposizione apodittica concepisce il guidizio assertorio determinato secondo queste legge dell’intelletto stesso e, per conseguenza, come affirmativo a priori; ed esprime cosi...*” Não há como

querer saber como seria em alemão (o milagre é que Hertz tenha conseguido chegar à metade antes de começar a temer por sua sanidade mental).

Mas não vamos permitir que isso nos desvie da magnitude do verdadeiro sistema de Kant. Seu objetivo era a restauração da metafísica. Ele concordava com Hume e com os empiristas quanto à inexistência de idéias inatas; mas negava que todo conhecimento fosse originado da experiência. Os empiristas afirmavam que todo conhecimento deve corresponder à experiência; Kant, de forma brilhante, inverteu a afirmação, declarando que toda experiência deve corresponder ao conhecimento. Segundo Kant, espaço e tempo são subjetivos, são nosso método de perceber o mundo. De certa maneira, são como óculos irremovíveis, sem os quais somos incapazes de dar sentido à nossa experiência. Mas esses não são os únicos elementos subjetivos que nos ajudam a compreender nossa experiência. Kant explicava que existem doze “categorias” (como as chamava), que concebemos por meio de nosso entendimento, trabalhando independentemente da experiência. Essas categorias incluem coisas como qualidade, quantidade e relação. Essas também são como óculos irremovíveis. Não conseguimos ver o mundo de qualquer outra forma senão em termos de qualidade,

quantidade etc. Mas através desses óculos irremovíveis só conseguimos ver os fenômenos do mundo – não conseguimos jamais perceber os verdadeiros númenos, a realidade mesma que sustenta ou propicia o aparecimento desses fenômenos.

Já se disse que somente um homem que jamais viu uma montanha poderia acreditar que o espaço não existe fora de nós, sendo apenas parte de nosso aparato perceptivo. E o senso comum parece concordar conosco. Mas essas desajeitadas objeções *ad hominem* nada têm a ver com filosofia, assim me disseram.

Espaço e tempo, e as categorias (que incluem noções como pluralidade, causalidade e existência), só podem ser aplicados aos fenômenos que fazem parte da nossa experiência. Se os aplicarmos a coisas não experimentadas, acabamos provocando “antinomias” – ou seja, contrastando duas afirmações, ambas aparentemente passíveis de comprovação mediante argumento intelectual puro. Dessa forma, Kant destrói todos os argumentos meramente intelectuais em torno da existência (ou não existência) de Deus. Simplesmente não podemos aplicar uma categoria como a existência a essa entidade não empírica.

Como podemos ver, Kant não era a favor de um retorno por atacado à metafísica em sua *Crítica da*

razão pura. Por “razão pura” pretende designar uma *razão a priori*, ou seja, alguma coisa que se pode saber *anteriormente* à experiência. Hume havia negado essas entidades transcendentais (quer dizer, aquelas que “transcendem” a experiência). Mas Kant estava convencido de que tinha devolvido esse elemento transcendental/metafísico à filosofia sob a forma de suas “categorias da razão pura”. A visão cética de Hume pode parecer simplista e com certeza não pode ser posta em prática se quisermos viver no mundo real. (Sua negação da causalidade de fato reduz o todo da ciência ao status de metafísica.) A postura de Kant, por outro lado, é sutil e sofisticada ao extremo – mas raramente suplanta a posição de Hume do ponto de vista *filosófico*. Podemos não ser capazes de experimentar o mundo sem a concepção de espaço, quantidade etc. Mas é difícil argumentar que esses não constituem *parte* integral daquela experiência ou imaginar como poderiam existir sem ela (ou seja, antes dela).

Por outro lado, o argumento de Kant de que não podemos jamais conhecer o mundo real tem peso considerável. Todas as coisas que percebemos são apenas fenômenos. A coisa em si (o númeno) que sustenta ou propicia o aparecimento desses fenômenos permanece para sempre incognoscível. E não há

razão por que ela deveria assemelhar-se *de qualquer maneira* a nossas percepções. Os fenômenos são percebidos por meio de *nossas* categorias, que não têm absolutamente nada a ver com a coisa em si, que permanece além da qualidade, quantidade, relação e similares.

Nesse meio tempo, Kant continuava a viver sua vida de rotina rígida, que não excluía um componente de vida social, embora tal atividade fosse sempre uma parte menor em seu cotidiano. Mantinha relações com alguns de seus mais brilhantes alunos, assim como com alguns representantes da faculdade, embora não tivesse chegado a ser íntimo de qualquer deles. (Não se dirigia a ninguém com o informal “*du*”, mesmo depois de décadas de contato social.) O pensamento era sua vida. “Para um erudito, pensar é uma forma de se nutrir, sem a qual, quando está *acordado* ou *sozinho*, não pode viver.” Seu intento era muito mais conhecer-se do que conhecer qualquer outra pessoa. Mas a tarefa de conhecer a si mesmo provou ser tão difícil para ele quanto o era para outros. “Não me entendo o suficiente”, reclamava. Talvez tivesse medo do que pudesse encontrar. Nesse ponto Scharftstein suscita uma questão fundamental: “*Essa* coisa-em-si não era simplesmente desconhecida, era proibida; porque se